

0032249/2003



L0000032252

ORMA
869. 91
BAM

869. 91
BAM

BAM
- 869. 91
BAM

CALENDARIO

Poemas e Ilustrações

— DE —

C. Paula Barros



— 1930 —

Da Série III

Foi este volume impresso especialmente

PARA

Humberto de Campos

— imprime leituras e
aproximativas a Bonil obstac
e mental — em — mensagens
de

C. Paul Bonil

Da Série III

Foi este volume impresso especialmente

PARA

Humberto de Campos

— impresso legitimo —
aprovado a Bonil até
e mente — em — mensagem
de

C. Paul Bonil

A
Minha Mãe, Minha Esposa,
Meu Pai e Meus Filhos

A
Minha Mãe, Minha Esposa,
Meu Pai e Meus Filhos

C. Paula Barros

CALENDARIO

*DO MEU
ZODIACO*

I PARTE

Primeiro signo

Signos das quatro estações

Signos do meu encantamento

II PARTE

Poemas dos solstícios
(Cantos dos ermos e das sombras)

Signos da Terra e da Raça

Ultimo signo

C. Paula Barros

CALENDARIO

*DO MEU
ZODIACO*

I PARTE

Primeiro signo

Signos das quatro estações

Signos do meu encantamento

II PARTE

Poemas dos solstícios
(Cantos dos ermos e das sombras)

Signos da Terra e da Raça

Ultimo signo

*Certos só temos dois dias
no calendario da vida:
O primeiro é o da chegada,
o outro o da despedida...*

*Tirar folhas da folhinha,
muito esqueço, sem querer...
e o tempo as de minha vida
não há meios de esquecer...*

*Calendario de minh' alma,
sempre a marcar - dia a dia -
ou festa de um desengano,
ou lucto de uma alegria.*

*Certos só temos dois dias
no calendario da vida:
O primeiro é o da chegada,
o outro o da despedida...*

*Tirar folhas da folhinha,
muito esqueço, sem querer...
e o tempo as de minha vida
não há meios de esquecer...*

*Calendario de minh' alma,
sempre a marcar - dia a dia -
ou festa de um desengano,
ou lucto de uma alegria.*

C. Paula Barros

CALENDARIO

DO MEU ZODIACO.

Primeiro Signo



C. Paula Barros

CALENDARIO

DO MEU ZODIACO.

Primeiro Signo



MÃE

A' minha mãe.

Dizem que Deus num sonho de poeta
fez a estrella e a mulher,
criou a perola e a flôr;
vendo-as, depois, o Illuminado Estheta
fez a esperança e o amor...

E da lagrima azul que o ceu chorou com a primitiva estrella,
da esperança e do amor,
da perola e do lyrio
que mais puro floriu na primeira alvorada,
no sonho criador da perfeição suprema,
fez de todos os bens o coração materno !...

Algum tempo passou. E o coração sangrando,
exangue de soffrer — de soffrer e de amar,
cahiu das mãos de Deus, como uma flôr,
rolando até os pélagos do mar...

E foi cada vez mais e mais se dilatando,
entre as rosas da espuma e as violetas do anil,
de pouco em pouco se transfigurando
na Terra do Brasil !

Olha, meu filho, como a Nossa Terra
tem a forma gentil de um coração !

Ama-a !

E por ella, em teu devotamento.
faze um ideal de perfeição.

Ama-a que é tua !

Inteiramente tua,
desde o valle lendario — o Paraíso Verde,
ás quebradas das serras magestosas
e ás alfombras dos pampas redolentes...
... Lembra-te, ao vel-a, a tua Mãe chorando !...

MÃE

A' minha mãe.

Dizem que Deus num sonho de poeta
fez a estrella e a mulher,
criou a perola e a flôr;
vendo-as, depois, o Illuminado Estheta
fez a esperança e o amor...

E da lagrima azul que o ceu chorou com a primitiva estrella,
da esperança e do amor,
da perola e do lyrio
que mais puro floriu na primeira alvorada,
no sonho criador da perfeição suprema,
fez de todos os bens o coração materno !...

Algum tempo passou. E o coração sangrando,
exangue de soffrer — de soffrer e de amar,
cahiu das mãos de Deus, como uma flôr,
rolando até os pélagos do mar...

E foi cada vez mais e mais se dilatando,
entre as rosas da espuma e as violetas do anil,
de pouco em pouco se transfigurando
na Terra do Brasil !

Olha, meu filho, como a Nossa Terra
tem a forma gentil de um coração !

Ama-a !

E por ella, em teu devotamento.
faze um ideal de perfeição.

Ama-a que é tua !

Inteiramente tua,
desde o valle lendario — o Paraíso Verde,
ás quebradas das serras magestosas
e ás alfombras dos pampas redolentes...
... Lembra-te, ao vel-a, a tua Mãe chorando !...

E assim, por ella, tudo e tudo
dá-lhe com affecto — o que vier pedir.
Ergue sem medo o teu escudo
e, se preciso fôr,
dá-lhe tambem, sem pena, o teu porvir !

E se um dia,
dia triste talvês, (quem sabe, filho ?)
a saudade lembrar-te a casa do teu pae:
ajoelha na Terra — o ouvido attento, bem attento:
has de ouvir, filho meu, teu pae não mente,
como um beijo — um soluço de amor — por ti, distinctamente,
rezar o coração immenso de tua Mãe !

E assim, por ella, tudo e tudo
dá-lhe com affecto — o que vier pedir.
Ergue sem medo o teu escudo
e, se preciso fôr,
dá-lhe tambem, sem pena, o teu porvir !

E se um dia,
dia triste talvês, (quem sabe, filho ?)
a saudade lembrar-te a casa do teu pae:
ajoelha na Terra — o ouvido attento, bem attento:
has de ouvir, filho meu, teu pae não mente,
como um beijo — um soluço de amor — por ti, distinctamente,
rezar o coração immenso de tua Mãe !

C. Paula Barros



CALENDARIO

DO MEU ZODIACO.

*Signos das
quatro estações*



C. Paula Barros



CALENDARIO

DO MEU ZODIACO.

*Signos das
quatro estações*







REFLORIR

Sempre que o vento murmuro sacode
de um cajazeiro — um velho amigo — as copas e as umbellas.
das folhas verdes, roseas e amarellas,
se desprendem no espaço, desgarradas,
as folhas mortas e as primeiras flôres.

E o cajazeiro immenso, altissimo, sereno,
na imponencia das frondes que, de longe,
lebram télas de renda e tafetás,
parece ouvir, com a alma de um poeta,
a alma sonóra, aligera, inquieta,
dos colleirinhos e das sabiás.

Como te invejo, ó arvore !
Farfalhar e cantar melopéas ao vento,
baloiçando com affecto as franças novas
e, as velhas — sonhos mortos do passado,
lançar indiferente para o chão !

Que glorioso o teu envelhecer !
Quanto mais, sobre ti, todo o arminho das asas,
sacode o tempo, ingrato, destruidor,
mais, para o céu subindo, o coração abrasas
de sol e de amor !

Amor fecundo e bom que em suave ternura,
dás pelo espaço, em fructos e em verdura,
aos ninhos que te enlaçam os braços paternas...

Pudesse eu, como tu, tambem desgarradas ao vento,
as mortas illusões soltar — todos os meus tormentos !...
Pudesse a minha esperança em flôr reverdecer !...

E na gloria sincera e nobre da velhice,
abrir os braços cheios de meiguice
e para o amor dos filhos reviver !

REFLORIR

Sempre que o vento murmuro sacode
de um cajazeiro — um velho amigo — as copas e as umbellas.
das folhas verdes, roseas e amarellas,
se desprendem no espaço, desgarradas,
as folhas mortas e as primeiras flôres.

E o cajazeiro immenso, altissimo, sereno,
na imponencia das frondes que, de longe,
lebram télas de renda e tafetás,
parece ouvir, com a alma de um poeta,
a alma sonóra, aligera, inquieta,
dos colleirinhos e das sabiás.

Como te invejo, ó arvore !
Farfalhar e cantar melopéas ao vento,
baloiçando com affecto as franças novas
e, as velhas — sonhos mortos do passado,
lançar indifferente para o chão !

Que glorioso o teu envelhecer !
Quanto mais, sobre ti, todo o arminho das asas,
sacode o tempo, ingrato, destruidor,
mais, para o céu subindo, o coração abrasas
de sol e de amor !

Amor fecundo e bom que em suave ternura,
dás pelo espaço, em fructos e em verdura,
aos ninhos que te enlaçam os braços paternas...

Pudesse eu, como tu, tambem desgarradas ao vento,
as mortas illusões soltar — todos os meus tormentos !...
Pudesse a minha esperança em flôr reverdecer !...

E na gloria sincera e nobre da velhice,
abrir os braços cheios de meiguice
e para o amor dos filhos reviver !

FLOR DAS AGUAS

Os teus braços abertos e o busto fluctuando
na caricia da agua verde
e das espumas no férvido aranhol —
como pareces, da minha Terra, uma victoria-regia,
á tono do igapó, aureolada de sól !...

E lá, quando as victorias-regias, no silencio dos lagos
descerram á tarde os véos brancos da flôr,
as vezes vêm poifar
sobre os charões das folhas os guarás vermelhos,
e num pequeno pallio, escarlate e bizarro,
abrem o setim das asas furta-côr...

.....

E eis-me agora sorrindo á porcellana rara
dos teus braços, das mãos, do busto, fluctuando
na caricia da agua clara e furta-côr —
vendo-te enfim numa visão de yara !

e ao pensamento como yêm ligeiras,
asas rubras do ardor dos meus desejos,
para toda cobrir-te em luminosa umbella :

— Lembrando a tarde em que te achei mais bella ! —
Lembra ! —
Na tarde em que eu te dei mil beijos !...

— E abriste a alma... e em minha vida foste
a regia flôr !

FLOR DAS AGUAS

Os teus braços abertos e o busto fluctuando
na caricia da agua verde
e das espumas no férvido aranhol —
como pareces, da minha Terra, uma victoria-regia,
á tono do igapó, aureolada de sól !...

E lá, quando as victorias-regias, no silencio dos lagos
descerram á tarde os véos brancos da flôr,
as vezes vêm poifar
sobre os charões das folhas os guarás vermelhos,
e num pequeno pallio, escarlate e bizarro,
abrem o setim das asas furta-côr...

.....

E eis-me agora sorrindo á porcellana rara
dos teus braços, das mãos, do busto, fluctuando
na caricia da agua clara e furta-côr —
vendo-te enfim numa visão de yara !

e ao pensamento como yêm ligeiras,
asas rubras do ardor dos meus desejos,
para toda cobrir-te em luminosa umbella :

— Lembrando a tarde em que te achei mais bella ! —
Lembra ! —
Na tarde em que eu te dei mil beijos !...

— E abriste a alma... e em minha vida foste
a regia flôr !

NUM KAKIMONO

Ao Gastão Penalva

... E eu sempre achei que esse teu riso alegre, brejeiro em tua bocca,
pelo menos a mim, á minha idéa irrequieta,
lembra um desenho de sol, num relevo engracado,
sobre um pequeno pucaro, esmaltado
por Kinkozan ou por Toshiro,
naquelle antiga louça do Japão...

E si assim como agora — (e eu prefiro)
synchronisado escuto o teu sorriso
nessas risadas joviaes e francas:
Vem-me á cabeça em loucos pensamentos,
que a porcellana fez-se em fragmentos
para mostrar, ao sol, o interior repleto
de begonias rarissimas e brancas.
com que alegras — tão gloriosamente,
a minha tarde de verão !...

NUM KAKIMONO

Ao Gastão Penalva

... E eu sempre achei que esse teu riso alegre, brejeiro em tua bocca,
pelo menos a mim, á minha idéa irrequieta,
lembra um desenho de sol, num relevo engracado,
sobre um pequeno pucaro, esmaltado
por Kinkozan ou por Toshiro,
naquelle antiga louça do Japão...

E si assim como agora — (e eu prefiro)
synchronisado escuto o teu sorriso
nessas risadas joviaes e francas:
Vem-me á cabeça em loucos pensamentos,
que a porcellana fez-se em fragmentos
para mostrar, ao sol, o interior repleto
de begonias rarissimas e brancas.
com que alegras — tão gloriosamente,
a minha tarde de verão !...

DO VERÃO

RAIO DE SO'L

O teu amor nesta tão lânguida attitude
quando em meu peito ficas no aconchego...

... a pensar ...
suggere-me (perdoa a velha imagem)
— a pequenina perola escondida
no abysmo immenso de revolto mar !

... E o teu amor na paz dessa doce quietude,
da-me a illusão que num sereno mar —
na tarde da minha vida,

no infinito painel do espaço em limpida aquarella,
volta ao remanso a luminosa vela
da minha juventude.

DO VERÃO

RAIO DE SO'L

O teu amor nesta tão lânguida attitude
quando em meu peito ficas no aconchego...

... a pensar ...
suggere-me (perdoa a velha imagem)
— a pequenina perola escondida
no abysmo immenso de revolto mar !

... E o teu amor na paz dessa doce quietude,
da-me a illusão que num sereno mar —
na tarde da minha vida,

no infinito painel do espaço em limpida aquarella,
volta ao remanso a luminosa vela
da minha juventude.

DO OUTOMNO

DESEJO POSTHUMO

Um dia em uma tarde do meu ultimo outomno,
rosaes do que soffri,
rosaes do que eu amei,
hão de cahir ao vento... e em languido abandono
adocicar com o mel dos estames doirados
esses lagos sombrios — os teus olhos chorando.

Sou eu ! O meu vulto no escuro do caminho
que se esfuma nas trevas, se dilue !
Tudo será inutil !...
não vibrarei, siquer, á gloria do teu carinho
e nem serei, jamais, a sombra do que fui.

Oh ! deixa-me seguir ! Irei como vão todos !
Não me abraces e poupa-me o pudor,
do farrapo da carne gangrenada,
fria, sem côr, apathica — Monturo !

Quem disse medo ?
Apenas a saudade !
A saudade de Ti, da Patria que resume
o amor e o lar, a terra e o céu, a esperança e a belleza,
do berço o arminho em vaporoso enredo,
do tumulo a poeira.

E pela Patria —
fosse mister, mil vezes !
e bemdiria, apodrecer mil corações na terra !...
E do humus, do chão, brotar depois em força, em luz, em seiva.
E em louredos, rosaes, rosaes sem fim
— cobrir em gloriosas messes
a Nossa Terra inteira !

DO OUTOMNO

DESEJO POSTHUMO

Um dia em uma tarde do meu ultimo outomno,
rosaes do que soffri,
rosaes do que eu amei,
hão de cahir ao vento... e em languido abandono
adocicar com o mel dos estames doirados
esses lagos sombrios — os teus olhos chorando.

Sou eu ! O meu vulto no escuro do caminho
que se esfuma nas trevas, se dilue !
Tudo será inutil !...
não vibrarei, siquer, á gloria do teu carinho
e nem serei, jamais, a sombra do que fui.

Oh ! deixa-me seguir ! Irei como vão todos !
Não me abraces e poupa-me o pudor,
do farrapo da carne gangrenada,
fria, sem cõr, apathica — Monturo !

Quem disse medo ?
Apenas a saudade !
A saudade de Ti, da Patria que resume
o amor e o lar, a terra e o céu, a esperança e a belleza,
do berço o arminho em vaporoso enredo,
do tumulo a poeira.

E pela Patria —
fosse mister, mil vezes !
e bemdiria, apodrecer mil corações na terra !...
E do humus, do chão, brotar depois em força, em luz, em seiva.
E em louredos, rosaes, rosaes sem fim
— cobrir em gloriosas messes
a Nossa Terra inteira !

FOLHA PERDIDA

Revendo este alfarrabio — olha —
(traças e pó) nesta folha amarella,
folha de outomno, rendilhada,
encontrei a sorrir, sozinho, sem mais nada,
— Singellamente —
apenas o teu nome ! . . .

Uma folha de livro, um ensejo, um acaso . . .
E eu guardo para mim, de ha muito, o pensamento
que o acaso, o ensejo, é Deus que, momento a momento,
nos surge occulto num anonymato . . .

E na folha do livro, velha e esmaecida,
desbotada, sem cõr, cofre de tantos zelos,
como outr'ora senti incensando a minha vida
o perfume
das tuas rendas e dos teus cabellos.

E como antigamente, nos primeiros beijos,
beiei, soffregamente, a velha filigrana ;
a rendilhada folha de um alfarrabio,
pagina solta de uma historia humana.

Quanto tempo !
E ao beija-la senti
na bocca esse vago sorriso,
luminoso, impreciso . . .
que se não sabe ao certo si é sorriso
ou a festa das lagrimas cantando
a canção da saudade.

E no extase do sonho —
que era um pouco da minha juventude,
os olhos meus, tristíssimos e francos,
surpreenderam da alcova o meu antigo espelho,
como quem dá um íntimo conselho,
mostrando a prematura noite enluarada.
dos meus cabellos brancos.

DO OUTOMNO

FOLHA PERDIDA

Revendo este alfarrabio — olha —
(traças e pó) nesta folha amarella,
folha de outomno, rendilhada,
encontrei a sorrir, sozinho, sem mais nada,
— Singellamente —

apenas o teu nome ! . . .

Uma folha de livro, um ensejo, um acaso . . .
E eu guardo para mim, de ha muito, o pensamento
que o acaso, o ensejo, é Deus que, momento a momento,
nos surge occulto num anonymato . . .

E na folha do livro, velha e esmaecida,
desbotada, sem cõr, cofre de tantos zelos,
como outr'ora senti incensando a minha vida
o perfume
das tuas rendas e dos teus cabellos.

E como antigamente, nos primeiros beijos,
beiei, soffregamente, a velha filigrana ;
a rendilhada folha de um alfarrabio,
pagina solta de uma historia humana.

Quanto tempo !
E ao beija-la senti
na bocca esse vago sorriso,
luminoso, impreciso . . .
que se não sabe ao certo si é sorriso
ou a festa das lagrimas cantando
a canção da saudade.

E no extase do sonho —
que era um pouco da minha juventude,
os olhos meus, tristíssimos e fracos,
surpreenderam da alcova o meu antigo espelho,
como quem dá um íntimo conselho,
mostrando a prematura noite enluarada.
dos meus cabellos brancos.

DO INVERNO

PSALMOS PROFANOS

O inverno ha de chegar,
quando vier a velhice,
a noite, a enluarada noite do teu caminho...
Recordarás de mim — e lembrando os meus versos
has de chorar a falta do meu carinho !

E dos meus versos, (passadíssimos versos...
Quem se pôde furtar do tempo a todos os dilemmas ?)
relembrares esparsos fragmentos — .

a ruina sonora dos meus sonhos,
dos meus rimarios e dos meus poemas.

E encanta-me pensar que has de talvês, nas noites de saudade,
em tua velhice, estiolada flôr:
distraída, pensando em mim,
rezar...
em meio dos teus psalmos —
os meus versos de amor.

DO INVERNO

PSALMOS PROFANOS

O inverno ha de chegar,
quando vier a velhice,
a noite, a enluarada noite do teu caminho...
Recordarás de mim — e lembrando os meus versos
has de chorar a falta do meu carinho !

E dos meus versos, (passadissimos versos...
Quem se pôde furtar do tempo a todos os dilemmas ?)
relembrares esparsos fragmentos — .

a ruina sonora dos meus sonhos,
dos meus rimarios e dos meus poemas.

E encanta-me pensar que has de talvês, nas noites de saudade,
em tua velhice, estiolada flôr:
distrahida, pensando em mim,
rezar...
em meio dos teus psalmos —
os meus versos de amor.

DO INVERNO

CREPUSCULO INTERIOR

Accendes o abajour “pervenche” e illuminas a escada.
Rebrilham os teus gobelins e as tuas rendas de Bruges...
E’ tarde !... (E que tarde de inverno !...)
Um beijo !... Apenas um ! E deixo-te !...
E la fóra
como peza esconder a gloria de um momento,
na cambraia de um lenço — o teu unico beijo
e que em minha bocca ficou numa estrella de “rouge” !

E’ forçoso esquecer o adeus si o teu jovial carinho
apaga do coração todo o horror da partida !...
Bem quizera voltar pelo prazer supremo,
de renovar, indefinidamente,
a mesma despedida.

E aqui fóra este frio !
E o mar e o céu em laivos de ouro e rosa...
E vem dos astros o esplendor das joias
reflectir-se nos verdes da salsaige !...

Mas que importa este céu ?...
Si elle não vale a gloria
de um lenço que se aperta
escondendo a lembrança
de uma alma de mulher na reliquia de um beijo
que é a saudade a brilhar numa estrella de “rouge” !

DO INVERNO

CREPUSCULO INTERIOR

Accendes o abajour “pervenche” e illuminas a escada.
Rebrilham os teus gobelins e as tuas rendas de Bruges...

E’ tarde !... (E que tarde de inverno !...)

Um beijo !... Apenas um ! E deixo-te !...

E la fóra

como peza esconder a gloria de um momento,
na cambraia de um lenço — o teu unico beijo
e que em minha bocca ficou numa estrella de “rouge” !

E’ forçoso esquecer o adeus si o teu jovial carinho
apaga do coração todo o horror da partida !...

Bem quizera voltar pelo prazer supremo,
de renovar, indefinidamente,
a mesma despedida.

E aqui fóra este frio !

E o mar e o céu em laivos de ouro e rosa...

E vem dos astros o esplendor das joias
reflectir-se nos verdes da salsaige !...

Mas que importa este céu ?...

Si elle não vale a gloria
de um lenço que se aperta
escondendo a lembrança
de uma alma de mulher na reliquia de um beijo
que é a saudade a brilhar numa estrella de “rouge” !

C. Paula Barros

CALENDARIO

DO MEU ZODIACO

Signos do meu
encantamento

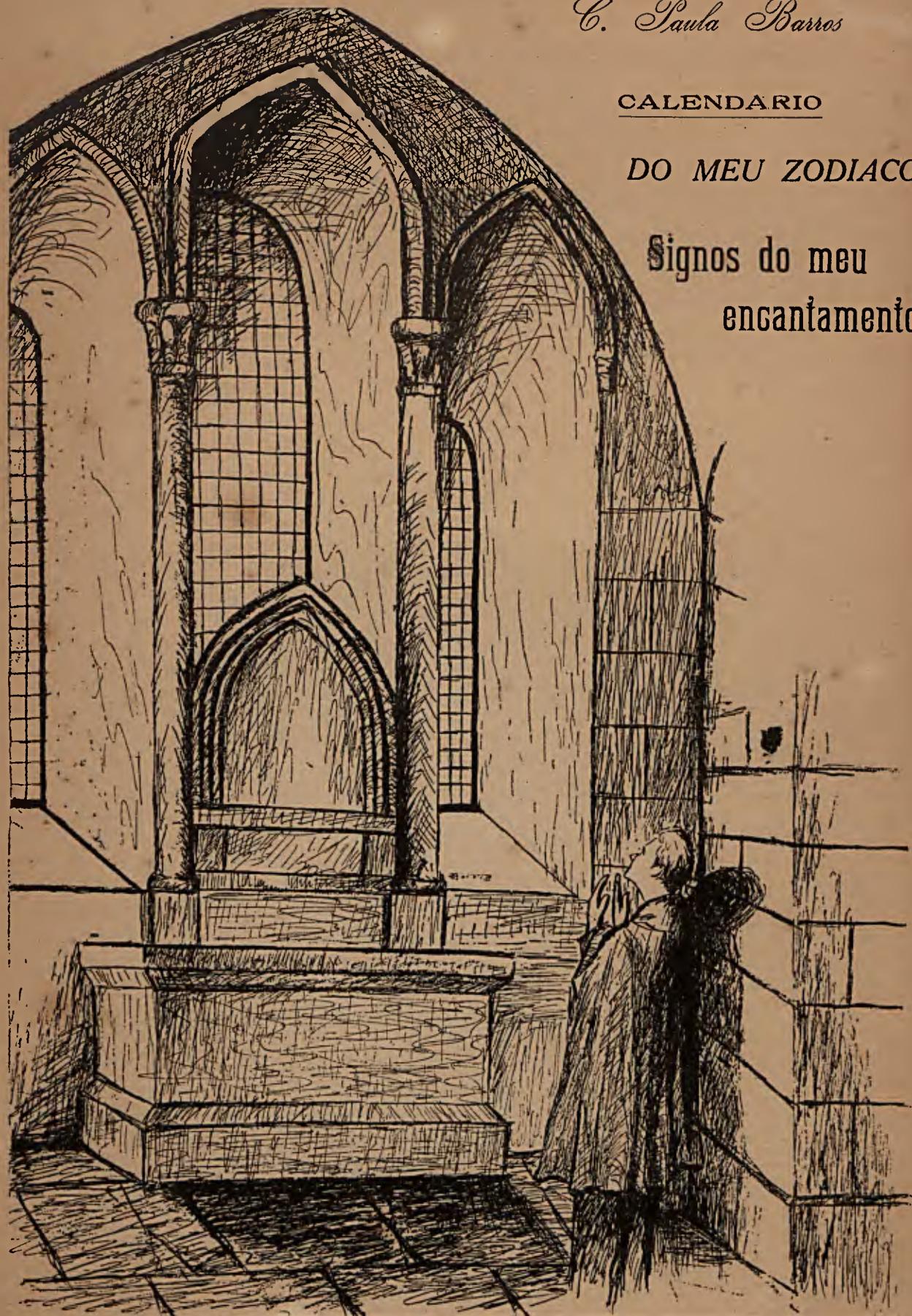


C. Paula Barros

CALENDARIO

DO MEU ZODIACO

Signos do meu
encantamento



DO MEU AMOR

AUTO DE FE'

Sorriste e eu te encontrei. E á claridade estranha
que de tão longe vinha em meu olhar
brilhaste e foste o lyrio immaculo e sozinho
que tanto procurei em meio do caminho,
através do Meu Valle
e encontrei na montanha !

A montanha pareceu-me tão triste !
Choravam pedras e musgos do alcantil...
E eu ouvindo o gemer das grótas soluçantes
— O' Lyrio —
em lagrimas tambem transformei os meus beijos
para beijar-te o hastil !...

Depois — ó Flôr, silenciosa e modesta,
num dia de sol, tonta de luz —
em teus sonhos de aroma eu fui uma libellula
de asas azues...

Hoje sobre o meu peito inclinas a tua cabeça
e no retroz das ondas dos cabellos,
desfiam-se da seda dos novellos,
os primeiros anneis dos teus cabellos brancos.

Sorri !
E assim tão meiga e assim tão bella !
Sempre tão bella para o meu amor :
és no alcantil sonoro dos meus versos
aquella mesma flôr...

Até que do silencio o soturno velario,
baixe pesadamente —
para mim has de ser,
embora a tua cabeça toda branca,
seja um floco de arminho,
aquella mesma flôr do meu caminho...
e quem sabe ? — Talvês transfigurada
no resplendor de um mundo solitario
para guiar-me — O' Lyrio —
na noite que não tem amanhecer.

DO MEU AMOR

AUTO DE FE'

Sorriste e eu te encontrei. E á claridade estranha
que de tão longe vinha em meu olhar
brilhaste e foste o lyrio immaculo e sozinho
que tanto procurei em meio do caminho,
através do Meu Valle
e encontrei na montanha !

A montanha pareceu-me tão triste !
Choravam pedras e musgos do alcantil...
E eu ouvindo o gemer das grótas soluçantes
— O' Lyrio —
em lagrimas tambem transformei os meus beijos
para beijar-te o hastil !...

Depois — ó Flôr, silenciosa e modesta,
num dia de sol, tonta de luz —
em teus sonhos de aroma eu fui uma libellula
de asas azues...

Hoje sobre o meu peito inclinas a tua cabeça
e no retroz das ondas dos cabellos,
desfiam-se da seda dos novellos,
os primeiros anneis dos teus cabellos brancos.

Sorri !
E assim tão meiga e assim tão bella !
Sempre tão bella para o meu amor :
és no alcantil sonoro dos meus versos
aquella mesma flôr...

Até que do silencio o soturno velario,
baixe pesadamente —
para mim has de ser,
embora a tua cabeça toda branca,
seja um floco de arminho,
aquella mesma flôr do meu caminho...
e quem sabe ? — Talvês transfigurada
no resplendor de um mundo solitario
para guiar-me — O' Lyrio —
na noite que não tem amanhecer.

DA MINHA ALEGRIA

NOITE DE NATAL

A' Maria. . . .

Ao Aloysio.

Por entre a luz pequena e frótxa
que vacillante e pensativa aclara,
no silencio da alcova:
de permeio com as sombras do ambiente,
— outra sombra ! . . . Sou eu que penitente
aos deuses do meu lar, um sumptuoso presente,
Ievo nas noites de Natal.

Uma boneca, um fordezinho, um guizo.

(E sem rumor, devagarinho)
do meu terreno paraíso assomo á porta
num sorriso
de ineffavel carinho !

Elles dormem ! . . .
nem suspeitam de longe seja eu !

Manhã,
antes que o sol em perolas e em ouro
me illumine os vitraes das persianas fechadas,
cada qual descobrindo o seu thesouro
vem acordar-me, de trópel . . .

E quando junto a mim — “Papaezinho” !
Beijando-me . . . Dizendo-me segredos
para mostrar como fazem os brinquedos,
bem mais alegres que o esplendor do dia —
nem comprehendem — (risos de innocencia)
que ao povoar-me a vida de alegria
são de minh'alma o seu “Papae Noel”.

DA MINHA ALEGRIA

NOITE DE NATAL

A' Maria. . . .

Ao Aloysio.

Por entre a luz pequena e frótxa
que vacillante e pensativa aclara,
no silencio da alcova:
de permeio com as sombras do ambiente,
— outra sombra ! . . . Sou eu que penitente
aos deuses do meu lar, um sumptuoso presente,
Ievo nas noites de Natal.

Uma boneca, um fordezinho, um guizo.

(E sem rumor, devagarinho)
do meu terreno paraíso assomo á porta
num sorriso
de ineffavel carinho !

Elles dormem ! . . .
nem suspeitam de longe seja eu !

Manhã,
antes que o sol em perolas e em ouro
me illumine os vitraes das persianas fechadas,
cada qual descobrindo o seu thesouro
vem acordar-me, de trópel . . .

E quando junto a mim — “Papaezinho” !
Beijando-me . . . Dizendo-me segredos
para mostrar como fazem os brinquedos,
bem mais alegres que o esplendor do dia —
nem comprehendem — (risos de innocencia)
que ao povoar-me a vida de alegria
são de minh'alma o seu “Papae Noel”.

DA MINHA ESPERANÇA

PENSAMENTO

Prodígio artista o pensamento
que elabora, em segredo, a sós, nos íntimos arcanos,
ilusões sempre a mais com que, momento a momento,
possa cauterizar da vida todos os desenganos.

Artista ! Criador que em condoreiro vôo
ergue em asas de luar o aeroplano dos sonhos,
para attingir ao céu — um céu que ninguem alcança.

E por fim — Momento extremo da partida:
sublime — criando dentro em nós — a suprema esperança
de outro mundo melhor, de outro amor,
de outra vida.

DA MINHA ESPERANÇA

PENSAMENTO

Prodígio artista o pensamento
que elabora, em segredo, a sós, nos íntimos arcanos,
ilusões sempre a mais com que, momento a momento,
possa cauterizar da vida todos os desenganos.

Artista ! Criador que em condoreiro vôo
ergue em asas de luar o aeroplano dos sonhos,
para attingir ao céu — um céu que ninguem alcança.

E por fim — Momento extremo da partida:
sublime — criando dentro em nós — a suprema esperança
de outro mundo melhor, de outro amor,
de outra vida.

DA MINHA TRISTEZA

NOS OLIVAES DO MEU JARDIM

Versos a Mario

Em quanto vejo tantas rosas espargidas,
na frieza das pedras dós sepulchros,
por mãos piedosas,
tremulas de dor;
Concentro-me ! . . .

E a minh'alma ascende á altura
aonde estás — ó meu Filho !

O' pequenina criatura,
ó criatura immensa para o meu amor !

Levo-te beijos.

Os beijos que são as lagrimas que a tua Mãe,
a tua Mãezinha,
por ti, nas horas tristes de saudade,
enche o seu seio em perolas azues.

Levo-te o meu carinho atormentado
por te não ver ! Sentindo-te a meu lado,
sou como um cego encarcerado em luz !

Levo-te rosas — são meus versos humildes,
mundos de sentimento e de ternura,
rosas de pranto ! Os meus versos em flôr...
quando a minh'alma ascende á altura
para num gozo torturado e afflito,
nos silencios profundos do infinito,
embalar-te de novo — ó Filho — nos meus braços.

Embalar-te de novo ! . . .

O' criatura...
que te fizestes estrella !
Pó e chimera —
sonho desfeito para o meu amor.

DA MINHA TRISTEZA

NOS OLIVAES DO MEU JARDIM

Versos a Mario

Em quanto vejo tantas rosas espargidas,
na frieza das pedras dós sepulchros,
por mãos piedosas,
tremulas de dor;
Concentro-me ! . . .

E a minh'alma ascende á altura
aonde estás — ó meu Filho !

O' pequenina criatura,
ó criatura immensa para o meu amor !

Levo-te beijos.

Os beijos que são as lagrimas que a tua Mãe,
a tua Mãezinha,
por ti, nas horas tristes de saudade,
enche o seu seio em perolas azues.

Levo-te o meu carinho atormentado
por te não ver ! Sentindo-te a meu lado,
sou como um cego encarcerado em luz !

Levo-te rosas — são meus versos humildes,
mundos de sentimento e de ternura,
rosas de pranto ! Os meus versos em flôr...
quando a minh'alma ascende á altura
para num gozo torturado e afflito,
nos silencios profundos do infinito,
embalar-te de novo — ó Filho — nos meus braços.

Embalar-te de novo ! . . .

O' criatura...
que te fizestes estrella !
Pó e chimera —
sonho desfeito para o meu amor.

DO MEU DESTINO

Seguimos — uns a sorrir e outros em pranto —
— sorte diversa que nos foi traçada...
Seguimos juntos e no entretanto
que diferença
nos mesmos dias de jornada.

Rumos ignorados !... E no mysterioso encanto
a asa da vida, tremula e apressada,
corta de lado a lado,
canto a canto, a duvidosa estrada.

Prazer e dôr ! A flôr e o espinho !
Oasis e areaes candentes
se nos deparam em mutações da sorte !...

E seguimos !
Quem sou ? Quem és porfiando a carreira ?

.....

Pó gravitando á luz do sól — Poeira
na estrada incerta que conduz á morte !

DO MEU DESTINO

Seguimos — uns a sorrir e outros em pranto —
— sorte diversa que nos foi traçada...
Seguimos juntos e no entretanto
que diferença
nos mesmos dias de jornada.

Rumos ignorados !... E no mysterioso encanto
a asa da vida, tremula e apressada,
corta de lado a lado,
canto a canto, a duvidosa estrada.

Prazer e dôr ! A flôr e o espinho !
Oasis e areaes candentes
se nos deparam em mutações da sorte !...

E seguimos !
Quem sou ? Quem és porfiando a carreira ?

.....

Pó gravitando á luz do sól — Poeira
na estrada incerta que conduz á morte !

C. Paula Barros

CALENDARIO

DO MEU ZODIACO

Poemas dos Solsticios

(CANTOS DOS ERMOS E DAS SOMBRAS)



NA SOMBRA DA MONTANHA

CATADUPAS

A' Maria Eugenia Celso

Agua de onde provens ?
De que mysterioso seio ?

Fonte — dize porque de ti, como de um cantaro,
jorra a agua da pedra ! . . .

E em borbotões, do alto desta montanha,
se precipita e róla e em poróroca espouca ! . . .
E desce ! . . .

E cae,
rorindo em gorgolões, de lagedo em lagedo,
de degrau em degrau,
de penedo em penedo,
na repolida espalda, salto em salto . . .
corre, borrifa, aljofra
e a prata fluida das espumas embate !

E logo — e novamente vem !

E corre — e se accelera — e róla !
Ganha o abysmo e se esborôa,
chia, reboa e rue, sussurra, ulula e canta
nas escarpadas pedras da garganta,
partindo os seus crystaes de espelho em fragmentos,
ergue aos cimos a voz altisonante e rouca !

Ah ! Eu creio que has de ser, Fonte, como a fonte do olhar —
de onde o pranto provem,
a lagrima dimana
e no soluço canta,
através do gemido rouco da garganta,
na exaltação da dôr,
no pungir da saudade !

E porque não has de ser — Agua — a lagrima da Terra ?
E porque não hei de ser, tambem, neste momento, um poeta ?
Si eu entendo o soffrer,
a poesia e a dor vibrando em tuas entranhas
nas cascatas branquissimas que choram
dos olhos dos grotões, as orbitas sombrias
da petrea e escalavrada face das montanhas !

Agua,
has de ter por força um genetrix mysterio !
A tua lagrima é dôr — a tua voz um grito
como os uivos dos ventos lugubres, que aterraram
e enchem de agouro o coração da noite !

Agua !
da noite que se recama em sóes no estellar das nebulosas
para chorar, tambem como tu, no Infinito,
ás lagrimas de Deus, na luz branca dos astros.

NO SILENCIO DA FLORESTA

UM DRAMA VERDE

A Raymundo Moraes

Bem na curva de um rio, ao alto de um barranco,
em recanto risonho, ao resplendor do sol,
de uma sumaumeira a fronde, em vigoroso arranco,
ergue da selva immensa o magestoso altar.

Quando em noites de lua, as perolas da lua cheia
e o sereno, envolviam-na toda
em mantos de setim:
projectava uma sombra — sombra triste na areia...
E cantava ! E gemia !...
E embalava nos braços,
soltos, pendidos, tremulos no espaço,
cem ninhos de japiins

E, é tarde, o vento amigo e o clima bom e ameno,
as cantigas e lendas orchestravam
nas cordas das lianas — lyras verdes suspensas
nas frondes rendilhadas da sumaumeira.

Uma folha, porém, sobre um galho de bronze,
ao nó de uma forquilha, a chlorophylla, um dia,
na arvore gigante, em esmeralda abriu.
Passado o tempo — mezes de sol, mezes de chuva
e da folha um cipó brotou finissimo
e cahiu

Tenue e fragil cordel ! Das altas torres das folhagens
desceu sobre o alcantil, criou raiz, fez-se arbusto
e em tentaculos mil as ramas distendeu.

Subiu e enovelou-se em volta á sumaumeira,
espartilhou-lhe o cerne, a copa e as sapopemas,
enredou-a em cipós, envolveu-a em lianas,
jungiu e encouraçou-a em malhetada algema,
num abraço feroz de polvo vegetal ! . . .

E a arvore frondosa, a mãe boa dos ninhos,
debalde, longo tempo ainda, angustiada e em prantos,
— pranto das folhas mortas desgarradas —
debalde supplicou :

“Oh ! deixa-me, por Deus viver !
Dá-me um pouco de ar, uma restea de sol, uma gotta de luz !
Quasi não posso mais sentir o encantamento e a volupia
do afago que tanto amei nas caricias do vento ! . . .
E os meus braços que eram sonoros como um alaude
do passarelo o amor e a gloria da saude
não mais podem vibrar.
Já não vejo do rio o luminoso espelho
diante o qual, vaidosa, tanta vez, sorrindo em flôres,
compuz a minha mocidade !

Oh ! deixa-me viver ! viver um pouco !
Todo o meu rijo ser se amargura e definha . . .
Ah ! eu que fui a mais bella !
“Ah ! eu que fui a rainha !
“— O meu crime, talvês !
Porque prendes-me assim ?
Que injusto captiveiro !
Oh ! deixa-me viver ! — Sólta-me Apuhysciero !”

.....

Algum tempo, mais tarde, enluctando a paisagem,
toda em crepes vestida, amortalhada,
a sumaumeira ainda em derradeiro arranco
ergue mirrada fronde, pallida, incolor.

Morreu !

E em tenebrosa noite um vendaval mais forte
no risonho recanto em furias se soltou:
e a arvore maior que desdenhou do raio —
exangue, num extertor, do alto do barranco,
com o polvo vegetal
dentro do rio tombou !

Desfeito o vendaval,
quando de novo a lua cheia
abriu a noite em camandulas de jasmins —
só restavam boiando, ao sabor das correntes — indifferentes
os velhos ninhos dos japiins.

NA SOLITUDE DAS MANHÃS

MARIA

*“Maria ! Maria !
acorda que já é dia”.
De um passarinho.*

Minha filhinha dorme...
Dorme a sonhar... Sonha a sorrir...
Lá fóra, pelas sombras dos caminhos,
o D. Juan dos passarinhos
canta e repete um nome de mulher.

E todas as manhãs,
bem não chegou ainda o sol da casa do Senhor,
aos umbraes das janellas de Maria
o namorado trovador das frondes
vem declarar-lhe o seu amor.

Ella dorme, a sorrir — (sonno bom das crianças)
e o meigo passarinho, o poeta gentil dos olhos della,
canta, rondando a minha gelozia,
para dizer-lhe apaixonadamente:

*Maria ! Maria !
acorda que já é dia.*

DENTRO DA NOITE

AVE DO CRUZEIRO

Diz-se que o mutum (crax tomentosa) canta quando o Cruzeiro do Sul atinge o zénith. Avifauna e Flóra, C. Teschauer S. J.

Noites amenas da Amazonia.
Cae o sereno. E em luminosos fios,
no velludo da sombra, a Fiandeira dos astros,
tece redes de orvalho e estrellas sobre os rios.

Gargalha no silencio a “mae da lua”;
Lugubre a selva abre as fauces trevosas...
e em risinhos de mófa as rondas tenebrosas
dos duendes do matto esgueiram-se nas moitas .

E é de ouvir-se contar de uma ave,
que em subito momento,
como um poeta, olhando o firmamento,
com os seus olhos de conta, rubros e deslumbrados,
canta
quando ao alto, nos zéniths do azul,
a Fiandeira dos céus tece em flocos de estrellas,
na Via-lactea — bandeira do infinito,
o Cruzeiro do Sul.

CLAUSTRO SONORO

Escuto dentro em mim, como num templo,
a voz de um orgão
a replanger baixinho,
a elegia melhor do meu carinho,
cantando no meu claustro interior.

Escuto-lhe o cantar,
gémér no antiphonario
de uma triste saudade...
(quando estou sozinho.)
na saudade mortal do teu carinho,
dos enganosos beijos que me deste !...

Ah ! O replanger das vozes,
e os gemidos,
que eu escuto em minh'alma augustiada
mais parecem os teus passos — muito ao longe —
se afastando...
nos lagedos da nave
da minha cathedral abandonada...

E eu te chamo, por fim !
Teu nome repercute
nas absides, pela immensidate...

.....

Como é triste, depois,
quando se faz o silencio
e nem siquer a sombra da tua sombra
responde á minha saudade.

TRANQUILLIDADE

Ha numa tela de Castagneto,
num recanto de mar, um veleiro alagado...
Partido o láis das vergas
e adernado todo o resbordo sobre as aguas mansas.

E ao vel-o no silencio da pintura,
ermo e sombrio, na quietude do sonno;
 julgo que o Mestre,
que tanto amou as solidões marinhas,
entre os lyrios da espuma das maretas,
 imaginou a propria sepultura !...

Que suggestiva é para mim a idéa
de uma tumba-simplissima e esquecida...
Como um velho batel sem velas e sem remos,
 num remanso de mar !...

E onde um dia juntinhos nos amemos.
 Namorados de sempre. Namorados !
Tendo concavo o azul por cripta cinerea
e as orações das aves e das ondas,
e as berceuses que o Vento, como um cytharedo,
num coqueiral sombrio — versos em preces —
 vibra a chorar !...

C. Paula Barros

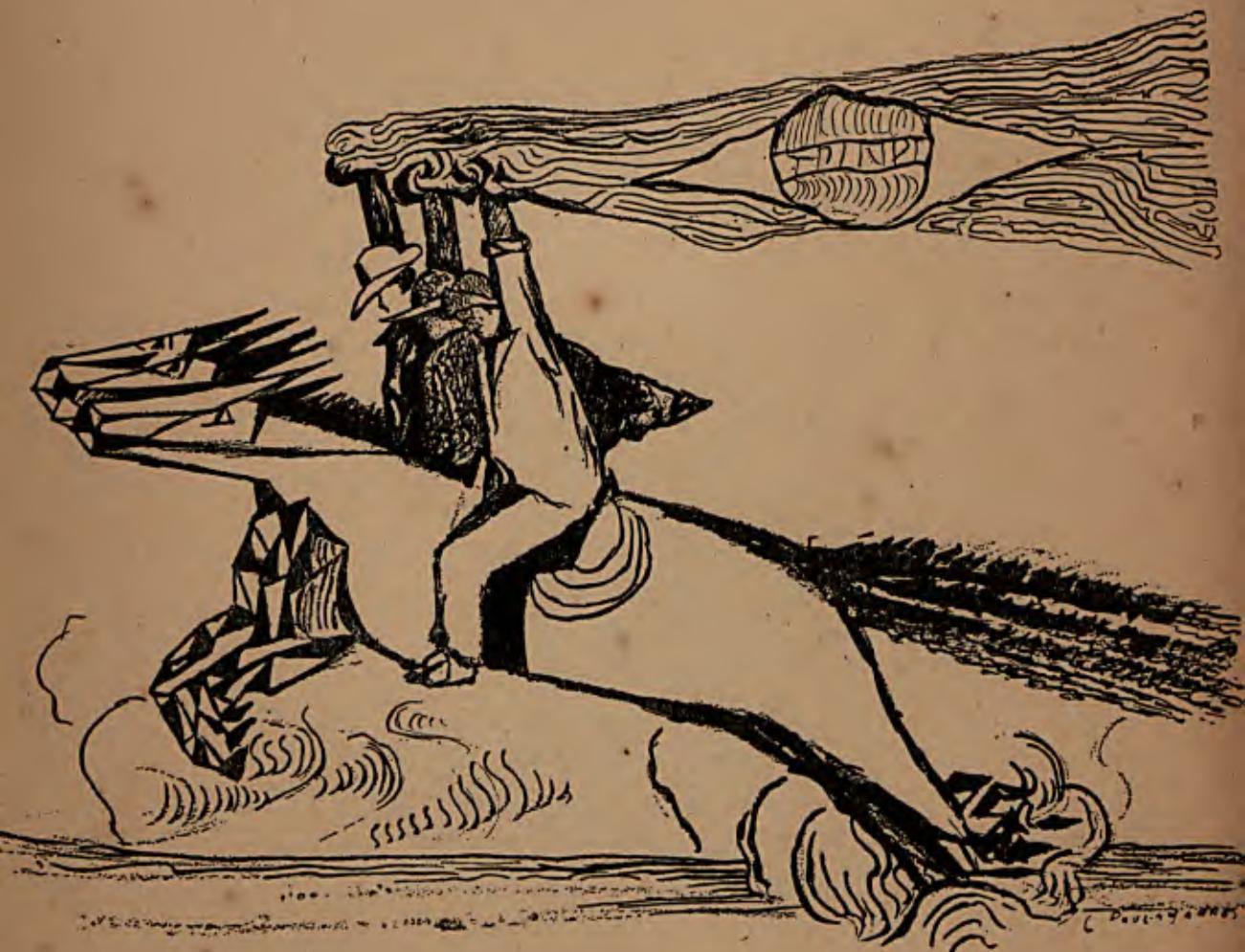
CALENDARIO

DO MEU ZODIACO

Signos da Terra e da Raça

O Brasil tem um segredo na sua natureza: é o *mysterio das Uiaras*. Si alguém se atira a conhecê-lo, si leva a peito estuda-lo, começa a ver tanta eousa e cousas tão lindas, nas suas montanhas e nos seus valles, nas suas florestas e nos seus rios, enleva-se de tal maneira no capricho das suas formas vivas, nos imprevisto da sua população primitiva, que logo se prende de um amor tão grande, tão sincero e tão profundo, que nada ha que o afaste deste abysso.

E. ROQUETTE PINTO



A RONDA DOS CENTAUROS

OS VAQUEIROS

Norte, Centro e Sul.

Campos Geraes da Minha Terra ?
Marajó ? a perola luminosa
entre os verdes dos rios e o Atlantico azul ?
Comburidos sertões ?
Matto-Grosso ? Nordeste ?
Pampa ?
Querencia amiga da minha outra Terra ? —
Meu Rio Grande do Sul !

Sonho ?
E' possivel sonhar si eu vejo em realidade ? !...
Acaso não ouvis pelo espaço,
nos corropios do vento,
um ruido a vibrar do coração da terra,
em uivos de tempestade,
rugir subterraneo de vulcões ?...

E os astros pelos ceus, como num cataclysmo
a tremer e a tremer,
num extranho fulgor ?

E acaso não sentis que as janglas repercutem,
as dunas e os areaes,
o massiço e a collina,
na orchestração maior do alisio e dos pampeiros,
symphonias de amor ?

São os Vaqueiros que vêm !
Ouvi — São os Centauros que passam !
Vede-os —
Ponche — Gibão — Camisa aberta !...
Eil-os que vêm, na carreira indomavel,
em sanhudos corceis, nas asas dos bolidos,
entre nuvens de pó,
doirados pelos sóes...

E, estrepitosamente
saltam, trepidam e corcoveiam,
coriscando, aos boléos, no campo e nas caatingas
galgando os cerros, resvalando os montes,
cochilhas e grotões, penhascos e barreiras,
sébes de espinheiraes, rudissimos capões —
sob os dardos do sol e os crivos das estrellas,
no fragor da tormenta, gume dos minuanos
aboiando a cantar !

E vão e vêm
e um e todos,
lado a lado, emparelhados,
sentindo um coração o outro coração,
num bloco esculptural de invencivel cohorte —
— Unidos para a vida — Unidos para a morte —

Correr !... Correr !... Correr !...

Lagrimas do meu olhar accendei-vos em astros !
Olhae, eil-os que vêm ! Por Deus, eil-os que passam,
e numa apocalyptica visão:
flancos unidos, distendendo ao alto,
tendida ao vento — semeando estrellas,
em apotheose, o Signo da Terra —
Bandeira do Brasil !

OS SERINGUEIROS

A Deodoro de Mendonça.

Só,

pelo caminho entre as selvas lendárias,
no estreito da picada que o machado abriu,
o Seringueiro passou — despreocupadamente...

E só,

pela floresta,
sem mais ninguem —
seguiu !

Meio dia.

Laivos de sol, sob as cópas das ramas,
estrellam, em chuva de ouro, o verde da chlorophylla...
E no auge daquella festa luminosa
o coração da seringueira exaure
e em sorriso de lagrimas...
scintilla !...

E a tarde,

quando de volta,
defumando a lympha,

pachorrento a volvel-a... a volvel-a... a volvel-a,
entre espiraes de fumo,
como um incenso no altar da cathedral das selvas,
e quando a urucury toda em braseiro ardeu —
o Caboclo, a scismar — filho rude daquellas brenhas —
ergue ao alto o olhar e o coração na prece
e sincero — bemdiz — a Terra que Deus lhe deu !

A' SOMBRA DO TEJUPAR

FIANDEIRA DA PLANICE

A' Eneida

Fia ! Fia ! Fiandeira,
para fazer tua maqueira
da mais fininha fibra de tucum.
Com as varandas bem largas e enfeitadas,
de pennas roseas, brancas, verdes, mariscadas,
de tucanos, guarás, de japiim, de mutum.

Fia, fia, Fiandeira,
sentada na tua esteira,
á margem do igarapé.
Elle tambem vae desfiando,
tambem como tu, cantando
nas flores do murmuré.

Em ti é o sonho que vôa,
nelle a agua que perpassa...

o sonho perde-se a tôa,
a agua vira em fumaça...

A fumaça é como o sonho,
sonho que queres sonhar

ao balanço da maqueira
armada no tejupar.

Fia ! Fia ! Fiandeira
e faze a tua maqueira
de sonhos bons, côr de luar...

De varandas bem largas e enfeitadas
de pennas — mas não penadas
com as maguas de teu olhar.

AS VIGILENGAS

Velas abertas, pandas e espalmadas !...
“Juruna” ou “Tira-Teima” ?...
— E’ sempre a vigilenga !

Estaes soltos ao vento na monção das tardes.
Galernas velas !
Albatroz do Equador !
Com aquella prôa arredondada, “aberta”,
parece, ao meu olhar, um coração boiando
na crista dos rebojos... palpitando.
nos banzeiros montantes,
entre as espumas lividas, ao sol.
E por ser grande é o symbolo perfeito
do generoso coração do homem
que ella conduz em seu lenhoso peito !...

Coração que se alegra ao canto das sereias,
nas ondas do alto mar, nas noites das luas cheias,
ou nas aguas dos rios sobre as marêtas claras
ao magnetico luar dos olhos das yaras...

A cem milhas longuissimas, distantes,
onde o Amazonas ficou brincando a póroroca...
muitas vezes, de subito,
ringem e resingam os cadernaes nos gornes,
ferra-se o panno e a vigilenga audaz
salta e caturra no fragor das aguas,
ao léo do vento, no ferver da espuma...

E o Cabloco já afeito,
intrepido e sereno
olhando o tenebroso mar, resignado espera !

E em dia de festa ,no primeiro Cirio,
 como toda gente,
contrictamente — symbolo de fé:
um barquinho de cera, pequenino,
 leva
com o coração alegre, uma oração e um beijo
 á sua santa,
Nossa Senhora de Nazareth.

RENDEIRA

A Consuelo Pinheiro

Mãos de nortista
feitas de flôr e de romãs.

Pequenas,
pequeninas mãos gentis, cheias de afago,
e que traduzem pela côr morena
do mel mais roseo o perfumoso bago.

Eil-as, inda uma vez, graceis, junto á almofada,
rendas tecendo e os bilros meneando,
trocando um, trocando outro,
num sonoro ruflar de castanholas !

Eil-as inda uma vez — tecendo a renda,
renda tão leve que fluctúa ao vento...
Como eu as vejo no meu pensamento,
urdindo a trama delicada,
prenda
de um noivado de fadas e de sonhos...

Tecei ! Tecei ! de lado a lado.
E na linha que vae e na linha que vem,
na laçada, no ponto, no entremeio,
bordae a graça que esses dedos têm...

... E qual de todos nós, sorrindo á adolescência,
num dia azul, a alma a surprehender,
não sentiu junto a si ás mãos da rendeira encantada,
para os sonhos da vida e as illusões tecer ?...

Tece feliz rendeirazinha !
e na linha que vae e na linha que vem —
Mãos de mulher, mãos de nortista,
deixae a graça que esses dedos têm...

Que um dia —
quando já fores bem velhinha,
— mãos de benção, rezando em ladainha
teu rosario de magua e de saudade:
as tuas rendas, as tuas lindas rendas, já esgarçadas,
como os sonhos perdidos pelo além —
não mais hão de lembrar de tuas mãos pequenas
o encanto e a graça que esses dedos têm.

JANGADEIROS

Ao Povina Cavalcanti

La nas praias do Norte que os coqueiros
enchem da sombra verde dos palmares,
quando opalece a tarde e o vento sopra,
os jangadeiros
espalham as brancas velas pelos ares.

Cochada a escôta, caturrando ao largo,
ondas singrando em rancorosos mares,
erram noites a sós, dias inteiros,
entre espumas e céus, banzeiros e luares.

Voltam, por fim, ao claro da manhã,
á luz do sol — daquelle sol nortista, heróico,
que a praia, o firmamento e o mar, a serra e a varzea insóla.

E ao meio dia sossegado e quente,
ao balanço da rête, na palhoça,
repousam a sésta, resomnadadamente.
Ou cantam uma modinha, ao pontilhar da viola.

ROSA NEGRA

“BAHIANA QUITANDEIRA”

(*Versos á “Maria dos Doces”*)

Este poema que focaliza um dos typos mais tradicionaes do Brasil, tem sua historia authentica através de uma yida de mulher que foi “Bahiana de Doces” e a mais abnegada de todas as “Mães Pretas.”

Negra !

Rosto de ebano e azeviche,
lenço amarrado em ponta
sobre os cabellos quasi a branquejar ! . . .
Mil pulseiras de contas e um fetiche
entre os seios e as rendas da camisa
junto ás figas suspensas do collar ! . . .

Negra !

Tinha as faces de ebano e azeviche
mas uns olhos de benção e de luar ! . . .

Quanta vez,
na minha meninice —
que encanto tinha para mim —
vel-a soprando a brasa ao fogareiro,
saias rodadas,
sandalinhas curtas,
com os seus coraes bizarros, rebrilhando
á luz da vela do seu taboleiro,
de bolinhos de arroz e macacheira,
de cocadinhas e de gergelim . . .

Encostada ao portal nos dias de festa,
ou á beira da calçada,
a “Bahiana”, em seu banquinho, alegre e descuidada,
passava (e em volta a ella a meninada)
horas sem fim ! . . .

Negra ! —

E aquelle rosto de ebano e azeviche,
com o seu cabello quasi a branquejar —
— era — e com ella o taboleiro —
como um fetiche para o meu olhar...

Tudo passa com a vida ?...

Ha' porein
sempre coisas que ficam e que ninguem esquece,
Ninguem !...

Negra !

E aquella face de ebano e azeviche
em minha lembrança
que é o meu cinema espiritual,

passa —

Perdeu-se ao tempo o taboleiro...
Resta somente o seu fetiche
junto aos seios de seda e noite escura —
— uma carinhà, rosea e nascitura
a sonhar !

E a minh'alma que é velha e é criança
vae sorvendo um a um, com essa lembrança,
aqueles favos bons,
doces,
tão doces
dos seus olhos de benção e de luar !

OS BANDEIRANTES

A Santos Dumont

A selva era o terror !
Era tetrica e hirsuta.
A natureza bruta, em volta aos horizontes
das montanhas cyclopicas,
tinha fauces de megatherios
e de mastodontes,
vomitando através dos rudes socavões
as febres e as terçãs,
os miasmas e as pestes,
no assomo destruidor
das tetanias e das convulsões !

A floresta era o cháo !
Era a treva, o marasmo,
á colera e ao tropel dos indios indomaveis,
ao ribombar da voz dos trocanos de guerra,
dos membys e borés
soprando ao vento
odios de gerações a gerações !...

Os cocares passavam celeres nas mattas,
ao fragor da peleja,
ao estilhaçar dos crânios,
sob o ranger das ríjas tangapemas,
das vingativas flechas sibilantes !...

Havia nas clareiras,
quando o urutau cantava,
e a noite, em cruzeiros e soes,
toda se estrellejava,
sarcasticas risadas de caveiras,
sacys em festa
em capengadas danças,
e o gemido soturno dos duendes,
sob as ramadas verdes e os silvedos,
a escommungar !...

E os silvos dos reptis,
e o coaxar dos batrachios
enchiham as selvas de malsinações !...

O mar ainda mais rude !...
Rasgavam e estilhaçavam os céus.
as faiscas e os raios.
Reboava o trovão,
a tormenta zunia.

O mar
era o abysmo, o pélago, iracundo,

o tormentoso vórtice do mundo,
nas implacaveis furiás dos cyclones,
braços de espuma contra as naus erguidos.
a praguejar !...

No entanto,
de vez em vez,
como um albatroz,
as desnastradas velas se enfumavam
nos altos mastareus das caravellas,
e singravam bailando, graciosas,
as bujarronas apontando
ás Terras Luminosas...
de Encanto
e de Pavor !...

E em pouco
abria-se na selva a esperança —
o Caminho !

A picada surgia
serpeando o paul e colleando as serras...

E o sol,
em radiosos sulcos,
de ouro e pedraria,
sobre os velhos madeiros, seculares,
e as avencas e os lichenes,
luzia !...

Arredavam-se as feras,
o jaguar fugia,
a serpente nas furnas se constrangia;
voava a jurity
e o gavião voava —
e o indio, vingador,
lançando enyenenadas flechas pelo espaço
com o jaguar feroz
e o gavião real,
em blasphemias rugindo a imprecação e as pragas,
pelos invios mundeus
das mattas se embrenhaya !...

E os Peões,
de um em um !...
E sempre ! E sempre mais,
de palmo em palmo sobre a terra rude,
das cristas do massiço aos fundos da palude,
no rorejar dos campos e das grótas,
através das caudaes,
galgando as cataratas,
abrindo os chapadões; nos seus sonhos de ouro,
a golpes de machado
e a tiros de arcabuz —
desvirginavam a Terra —
num espasmo de morte !...
Numa benção de luz !...
E quando, sangrando os pés,
esqualido e sedento
algum
crivado o peito em flechas; e ao relento
abandonado,
a sós dentro da noite, ao sorrir dos phantasmas
e ao agoureiro gemer das corujas, morria —
logo, de prompto, um outro mais audaz,
mais forte o succidia.
Foi assim 'pela' fonda dos tempos !...
Esgotaram-se os séculos !...

E o Bandeirante
volta e renasce,
e, homem de bronze, luta ! . . .
E de victoria em victoria,
vem, passa,
galga a collina,
ascende aos altos cimos das montanhas,
irrompe na floresta entre as sebes e os troncos,
transpõe mares e rios, amplia os horizontes !
regá em suor os campos e as ravinas,
e do sangue que esparge ao chão em largas sementeiras,
brotam a seara e a flor —
doirando as terras,
e engrinaldando as geiras ! . . .

.....

Em que floresta erma e sombria,
oh ! primitivos Bandeirantes ! —
Em que floresta, erma e sombria,
em que caminho umbroso e ignorado,
na quietude do sonno,
escondidos, dormis ? . . .

Levantae-vos das tumbas cinerarias,
que os sonhos de ouro, em glorias multifarias,
voossos sonhos de argento e de esmeraldas,
se concretizam e tornam em realidade.

A estrada de outr'ora,
a viella e a picada
reflorescem em jardins
no esplendor das cidades !

O machado se fez locomotiva,
a enxada em charrua.
O tronco e o pelourinho ergueram-se na Escola !
E a Escola é o livro, o amor, o lar e a officina
em que se amplia o olhar e a alma se illumina.

O que foi tapery
é hoje o arranha ceu,
é a fabrica a rodar.

Caravella é o navio
que as procellas jungiu,
serenou o Oceano !...

E o genio do Bandeirante audaz
achando a terra estreita —
do gavião real tomando as asas brancas —
ás conquistas do azul
alçou-se no Aeroplano !

E' a Patria que caminha !
E' a Raça das Bandeiras
que se refunde ao cadinho do tempo,
no renascer das gerações !

E' a Patria que caminha
e que acena ao Universo
com os seus Pendões de Ouro e de Esmeraldas,
em lampejos de ceus — Hymno de Liberdade —
para as glorias do Amor, da Paz e do Trabalho
na confraternidade das Nações !
E' a Patria que se eleva aos paramos do mundo
para as glorias do Genio e os surtos da Scienza
na conquista triumphal das civilizações

ALMA DOS PAMPAS

OS GAUCHOS

Ao LEOVIGILDO PAIVA

Noite de frio !

A serenada baixa

sobre a quincha dos ranchos, branca e fria !

O vento gurne, cia e rodopia,

toldam-se os céus, alvejam-se as macegas...

e tudo aos poucos se enregela.

Esfria !...

Que frio !...

Tarde, em horas mortas,

correm na cancha os pingos parelheiros,

fogem as tropilhas e os baguaes se assustam...

“La fóra

anda o Negrinho no seu pastoreio...

Quem lhe accende uma vela no caminho
para leval-a á sua Nossa Senhora ?”

A noite sobe

e desce o frio !

Na estrada sopra o minuano algíssimo, inclemente.

E os Gauchos sentados junto ao fogo

churrasqueiam, cantando ao som da acordeona,

tomam o “amargo” e num pellego amigo,

pitam e descançam, sossegadamente.

Cedo, quando a orvalhada —

aos prestíjos do sol em neblina de argento —

toda se pulveriza em ouro e aguas marinhas,

ao rosiclé da humida alvorada,

alegram-se as querencias e as mangueiras.

A invernada clareia. E em perolas de orvalho

rorejam as sanguas e o potreiro e os prados

amanhecem na festa e na alleluia

da vida e do trabalho.

E em pleno dia,
no azulado matiz das cochilhas longinquas,
pelo ondear dos campos e dos cerros,
em carreiras, tropeis,
vibrando as açoiteiras,
guascas em corropio, sovéos e boleadeiras,
passam ostentando o reluzente apeiro,
os Gauchos mui guapos,
nos seus ligeiros fletes luzidios !...

.....
Eu os vejo através da distancia !...

E que importa
si o ideal commun da Patria os aproxima !
Quanto mais longe mais devotamento !...

Terra Bemdita !

Terra que é minha e não conheço e adoro !...
Vendo-a — mesmo de longe — o meu olhar se estrella...
E ao meu aínor, a distancia que importa
si a bemdizel-a eu morreria por ella ?...

Que a minha voz de collina em collina,
de quebrada em quebrada,
de ranchinho em ranchinho,
desde os meus pagos — Paraíso Verde —
em orações de fé,
através das distancias do caminho,
chegue até vós — Gauchos da minha Terra —

porque sois para mim,
polvilhados de sol,
pelos pampas perdidos,
ou no encanto das noites constelladas,
— Sentinelas — heroicas e avançadas,
no mais Extremo Posto — bem no extremo
do Coração que é toda a Nossa Terra.



C. Paula Barros

CALENDARIO

DO MEU ZODIACO

Ultimo Signo

RETROSPECTO

A HERMES FONTES

(do meu livro de horas)

Alvorada do Ser. Glória inconclusa,
Asas abertas para os ideaes...
E a vida é o sonho á plena luz diffusa
Prysmatizada em limpidos crystaes.

Mocidade — Clareira em que transluza
O Coração — Porque tanto sonhaes ?...
E sois Fonte a Cantar !... Manhã profusa
De sól, de pombas meigas, de rosaes !...

E seguimos com a vida. E a flôr no espinho
Sangra através das urzes do caminho.
Que desejamos soffregos andar !...

.....

E ao fim da estrada olhamos — Que perdura ?...
— Sonhos desfeitos ! Cinzas da ventura,
Que parecera facil de alcançar !...

